

Museu  
Arte  
Arquitetura  
Tecnologia

**moat**

**Jeff Wall**

**Time Stands Still**

**Fotografias, 1980-2023**



1



2



3

1 *The Drain*, 1989  
Transparência em caixa de luz; 229 × 290 cm  
Cortesia do artista

2 *Echo Park*, 2023  
Impressão a jato de tinta; 190 × 227 cm  
Cortesia do artista

3 *Insomnia*, 1994  
Transparência em caixa de luz; 172 × 213,5 cm;  
Coleção privada, Londres

4 *Parent child*, 2018  
Impressão a jato de tinta; 220 × 275 cm  
Cortesia do artista



4



5



7

5 *A man with a rifle*, 2000

Transparência em caixa de luz; 226 × 289 cm

Cortesia do artista

6 *A woman with a necklace*, 2021

Impressão em gelatina e prata; 159 × 220 cm

Cortesia do artista

7 *The Jewish Cemetery*, 1980

Transparência em caixa de luz; 62 × 229 cm

Cortesia do artista



6

Jeff Wall nasceu em 1946 em Vancouver, onde vive e trabalha. Envolveu-se com a fotografia na década de 1960 e, em meados da década de 1970, começou a experimentar a sua nova versão de fotografia pictórica. A partir do outono de 1977, as suas fotografias foram feitas como transparências coloridas retroiluminadas, apresentadas em caixas de luz, muitas delas de grande dimensão, um meio identificado na altura mais com publicidade do que com arte fotográfica. Desde meados da década de 1990, Wall expandiu o seu repertório, trabalhando com impressões tradicionais a preto e branco e, mais recentemente, impressões coloridas a jato de tinta. As fotografias de Jeff Wall retratam frequentemente acontecimentos que o artista testemunhou e reconstruiu num processo a que chama “cinematografia”. Os seus temas vão desde ocorrências quotidianas fotografadas em locais reais a situações imaginárias construídas em estúdio. É considerado um dos artistas que, desde a década

de 1970, tem vindo a dar ênfase às afinidades entre fotografia, pintura e cinema. Ensinou arte em universidades do Canadá durante vinte e cinco anos e a sua escrita crítica foi reunida e publicada em várias línguas.

As fotografias de Jeff Wall foram exibidas mundialmente ao longo dos últimos quarenta anos. O seu trabalho foi tema de inúmeras exposições retrospectivas em várias instituições, incluindo o Schaulager, Basileia (em digressão pela Tate Modern, Londres, 2005); o MoMA – Museum of Modern Art, Nova Iorque (em digressão pelo The Art Institute of Chicago e o SFMoMA – San Francisco Museum of Modern Art, 2007); e mais recentemente, o Glenstone Museum, Potomac (2021) e a Beyeler Foundation, Basileia (2024). A lista de exposições coletivas é longa e inclui, entre muitas outras, a Documenta 10, Kassel (1997); 24.ª Bienal de São Paulo (1998); 12.ª Bienal de Sydney (2000); Documenta 11, Kassel (2002) e a 5.ª Bienal de Xangai (2004).

Jeff Wall (Vancouver, 1946) é uma das figuras mais reconhecidas e influentes do panorama internacional das artes visuais das últimas décadas. A sua obra evidencia uma atenção privilegiada por genealogias e modelos de representação visual que marcam a história da cultura ocidental, em particular por formas canónicas que ajudaram a estabelecer uma certa ideia de *imagem ocidental*.

No cerne desta ideia encontra-se o conceito de *quadro* na pintura, que desponta com a institucionalização da perspectiva.

Este conceito define um modelo de estruturação composicional e figurativa que, não obstante as sucessivas resistências e reformulações, persiste ao longo da história da arte até ao surgimento da abstração monocromática no início do século XX.

Wall adota a fotografia como *medium* de representação, contudo o seu imaginário artístico mobiliza articulações estéticas e conceptuais com os campos da pintura, do cinema, da literatura e do teatro, entendidos como modos correlativos de representar e imaginar o real.

A maioria das fotografias de Jeff Wall resulta de processos de construção e composição. São imagens previamente pensadas, planeadas e posteriormente executadas, à semelhança do que faz um pintor ou um realizador de cinema.

Muitas, sobretudo desde o início da década de 1990, são fotomontagens que resultam da combinação de várias fotografias individuais. Contudo, a sua obra também inclui algumas fotografias que podem ser consideradas *documentais*, no sentido em que não implicaram nenhuma intervenção prévia do fotógrafo. Porém, num registo mais direto ou fabricado, Jeff Wall salienta as suas imagens como construções, como resultado de opções deliberadas, e reforça o seu cariz contextual e subjetivo: “a minha prática tem

sido a de rejeitar o papel de testemunha ou jornalista, o papel do ‘fotógrafo’, que, de certa maneira, objetifica o sujeito da imagem ao mascarar os impulsos e sentimentos do autor da imagem. A poética ou a ‘produtividade’ do meu trabalho tem-se centrado na encenação e na composição pictórica – aquilo a que chamo ‘cinematografia’. É isso, espero eu, que torna evidente que o tema foi subjetivizado, que foi retratado, reconfigurado de acordo com os meus sentimentos e literacia”<sup>1</sup>.

Na sua prática artística cada trabalho surge de forma autónoma, enquanto unidade independente que exprime a sua singular e inerente lógica criativa e formal. Embora as imagens sejam, na sua maioria, individuais, existem alguns dípticos e trípticos, que nos últimos anos se tornaram mais frequentes. A escala das fotografias é outra característica distintiva no trabalho de Jeff Wall que, desde finais dos anos 1970, produz imagens de grandes dimensões, o que o diferencia, nomeadamente se comparado com o que era mais comum e convencional no campo da fotografia artística. Inicialmente apresentadas em caixas de luz que evocavam a publicidade urbana, a partir de finais dos anos 1990 o artista adotou gradualmente a impressão em gelatina e prata para as imagens a preto e branco, e a impressão a jato de tinta sobre papel fotográfico para as imagens a cores.

A dimensão das fotografias não surge de um mero desejo de ampliação, de produção de uma imagem imensamente grande. Trata-se sobretudo de visar a escala do corpo humano, a possibilidade de configurar um plano de proximidade entre a escala das figuras e objetos na imagem e a de quem

---

<sup>1</sup> Jeff Wall, Arielle Pelenc in correspondence with Jeff Wall, in *Jeff Wall*, Phaidon, Londres, 1996.

a observa. Para o artista, este sentido da escala, que estimula o imediatismo físico e a intensificação precetiva, é um dos legados da história da pintura ocidental, desde Diego Velázquez a Édouard Manet ou a Jackson Pollock.

Na sua obra, Jeff Wall tem abordado temas reconhecíveis, cenas da vida quotidiana, situações e cenários testemunhados, imaginados ou inspirados na história da arte ou em descrições literárias. Entre *algo visto* ou a convicção de que *isto acontece ou acontecerá*, sobressaem as problemáticas, as tensões e os dramas inerentes às sociedades modernas e contemporâneas, como a solidão, a pobreza, a alienação, a violência urbana, o abandono e a exclusão social. São temas que o incitam a criar imagens visionárias, enigmáticas e lucidamente representativas sobre a época em que vivemos.

Os seus *quadros fotográficos* não devem ser vistos como pinturas – não são, efetivamente, pintados –, mas como imagens que combinam e potenciam as estreitas e continuadas relações históricas entre fotografia e pintura, numa época em que ambos os *media* têm vindo a ser sujeitos a um amplo escrutínio analítico. Ao combinar o modelo do quadro com parâmetros da fotografia documental, Jeff Wall induz também uma radical reformulação da imagem documental enquanto arte, vinculando-a à representação de um acontecimento fabricado e “textual”, situando-a num espaço intermédio, simultaneamente real e não real. É assumido que a representação fotográfica propicia uma relação irónica e artificial com o assunto, internalizando as contradições e dilemas da nossa relação com o mundo, a nossa incapacidade de hierarquizar as formas do visível.

O artista explora a percepção da realidade através das suas inextricáveis dúvidas, não deixando que os temas e os lugares, como cenários da ação histórica, deixem de aparentar a sua banalidade e a sua estranheza, a sua evidência e a sua contraevidência, a sua verdade e a sua ficção. Porque se encontra o homem deitado debaixo da mesa em *Insomnia* (1994)? A quem se dirige o gesto em *A man with a rifle* (2000)? O que está a acontecer em *Listener* (2015) ou em *Event* (2020)? Por que razão decidiu a criança deitar-se no meio do passeio em *Parent child* (2018)? O que desencadeou *A Fight on the Sidewalk* (1994)? Através da suspensão fotográfica, Jeff Wall opera de modo a parar o tempo numa micrologia do instante que nos faz pensar que há um acontecimento em curso. Daí o efeito de suspense que algumas imagens geram. Nestas inscreve-se, de algum modo, uma diáfana presença dos momentos que lhes poderiam ter antecedido, e também dos momentos que lhes poderiam ter sucedido. Representa-se assim o penúltimo ato de uma história cujo desenlace desconhecemos; o que tem lugar em determinado momento e que nunca se voltará a repetir ou resolver é acentuado como momento único da narrativa.

Esta é primeira exposição individual do artista em Portugal, e a maior realizada nos últimos 20 anos. São apresentadas 63 obras, sendo de referir que, ao longo da sua trajetória criativa, Jeff Wall fez cerca de 200 no total. Reunindo fotografias produzidas entre 1980 e 2023, esta mostra revisita os vários períodos, aspetos e temas que constituem o seu singular imaginário artístico.

Sérgio Mah



**Jeff Wall**  
**Time Stands Still**  
**Fotografias, 1980-2023**  
23/04/2025 → 01/09/2025

**Curador**  
Sérgio Mah

**Produção**  
Ana Fryxell

**Coordenação editorial**  
Nuno Ferreira de Carvalho

**Comunicação e relação com os media**  
Elisabete Sá

**Marca**  
Mariana Líbano Monteiro,  
Francisca Pereira, Ivan Coelho,  
Francisca Pargana

**Programas públicos**  
Joana Simões Henriques, Vera Barreto

**Serviço visitante e educativo**  
Nelson Rodrigues, Tiago Serôdio,  
Sebastião Almeida

**Apoio técnico**  
Sérgio Gato

**Design gráfico**  
Claudia Lancaster

**Tradução**  
Dominic Zugai (Kennis Translations)

**Montagem**  
Iterartis  
Alex Clarke (Jeff Wall Studio)

MAAT - Museu de Arte,  
Arquitetura e Tecnologia  
Av. Brasília, Belém  
1300-598 Lisboa

+351 210 028 130  
+351 210 028 102  
maat@edp.pt

Mecenas MAAT



### Publicações

O catálogo **Jeff Wall: Time Stands Still. Fotografias, 1980-2023**, a publicar durante a exposição, com textos de Alexander Nagel, Sérgio Mah e Yves Abrioux, reproduções das 63 obras apresentadas e vistas da exposição.

O livro **Jeff Wall – Escritos de Arte**, editado pela Orfeu Negro, reúne 13 textos escritos pelo autor entre 1982 e 2010. À venda na loja do museu.




### Agenda

Visitas à exposição orientadas pelo curador Sérgio Mah: 24/05/2025, 01/06/2025; 16.30.

Dança: **Laboratório Cumplicidades**.  
Curadoria: Sofia Dias e Vítor Roriz,  
mediação: Alex Cassal, com artistas e neurocientistas do Programa de Neurociências da Fundação Champalimaud: 10/05/2025, 11/05/2025; 19.00.

Dança: nova coreografia de Francisco Camacho. Interpretação: Beatriz Valentim, Francisco Camacho, João Oliveira, Sofia Kafol: 28/06/2025, 29/06/2025, 20/07/2025; horário a anunciar.

Mais informações  
e outros conteúdos  
maat.pt  
ext.maat.pt

    
@maatmuseum  
#maatmuseum



guia de visita



23/04/2025 → 01/09/2025



edp  
Fundação

20